



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Entre as grades globais e as necessidades reais

Carlos Monarcha

Como citar: MONARCHA, C. Entre as grades globais e as necessidades reais. *In:* DAL RI, N. M. ; MARRACH, S. A. (org). **Desafios da educação do fim do século**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. p35-40. DOI: <http://doi.org/10.36311/2000.85-86738-12-3.p35-40>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ENTRE AS GRADES GLOBAIS E AS NECESSIDADES REAIS

Carlos MONARCHA¹

Para alguns teóricos, a “consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado” (Le Goff, 1984); para outros, a “consciência de ruptura” (Rouanet, 1987) é característico da modernidade; e ainda, para outros, é uma experiência vital: “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo” (Berman, 1987). Nesse sentido, a modernidade apresenta diferenças em relação a outros conceitos próximos: modernismo e modernização. Para Lefebvre (1969), a modernidade difere do modernismo, pois a primeira é “crítica e reflexiva”, e o segundo imbuído de certeza e arrogância. Para Bobbio e outros (1991), Le Goff (1984), Schwartzman (1991), o conceito de modernização enquanto racionalização das estruturas econômicas, políticas e sociais, designa o processo de transição das nações consideradas subdesenvolvidas ou atrasadas em direção à sociedade urbano-industrial.

De fato, o conceito de modernidade tem sentido próprio: designa a manifestação dessa *consciência de ruptura* informada pela percepção das mutações históricas, por vezes aceleradas, ocorridas em uma determinada época. Positivamente conotada, a *consciência de ruptura da modernidade* é identificada com uma reação de teor crítico, negadora de valores, idéias e práticas considerados nefastos, pois contrários à autonomia do indivíduo. Situando-se no campo da crítica à tradição, à autoridade e à superstição, essa consciência proscree a fixidez do passado. Considerado nefasto, o passado deixa de ser uma referência segura para a fundamentação de idéias e práticas. Origina-se, então, uma oposição consciente que prescreve uma reforma dos costumes e mentalidades. A partir desses pressupostos, engendra-se a experiência da modernidade protagonizada por um sujeito renovado que, esclarecido pelas luzes da razão, apropria-se refletidamente da história.

¹ Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília - 17525-900 - SP.

Inicialmente circunscrita ao campo da estética e da filosofia, a idéia de *pós-modernidade* penetra outros campos de conhecimento, vindo a servir de modelo para a formulação de políticas educacionais e culturais. Desse modo, a idéia de *pós-modernidade* assim como os temas e proposições que lhe são inerentes instalam-se no dia-a-dia daqueles que se concentram no trabalho de formação educacional e cultural dos novos.

Nada acidental, o prefixo “pós” anteposto ao substantivo *modernidade* explicita, sobretudo, um distanciamento temporal indicando simultaneamente a superação de uma época histórica chamada “modernidade” e o advento de uma outra época sucedente: a pós-modernidade, à qual se agrega um conjunto de expressões indicadoras de posições políticas e intelectuais – pós-história, pós-industrial, pós-Ilustração, pós-utopia (Habermas, 1987). Sobretudo, o prefixo anteposto ao substantivo incita um gesto de despedida e convite para partilhar de uma escolha recorrente na história ocidental, concretizada no par conflitante antigo/moderno (Le Goff, 1984). Familiar à nossa formação intelectual e acadêmica, esse par conflitante vem sendo utilizado freqüentemente, entre outros, como grade conceitual para se escrever a história da educação brasileira e, assim, legitimar projetos de modernização social.

Concentrando-se o sentido negativo no antigo e o positivo no moderno, esse par conflitante e seus equivalentes tradição/modernidade, modernidade/pós-modernidade designam um lugar-comum invocado para rejeitar o mal-estar contido nas diferentes experiências vividas e, simultaneamente, celebrar diferentes futuros anunciados, de modo a testemunhar “um antes” e “um depois”. Para nossa discussão sobre a idéia de pós-modernidade, é preciso dizer que, sobretudo, o prefixo *pós* pretende indicar “distanciamento em relação a uma forma de vida ou de uma consciência na qual anteriormente se havia confiado de maneira ingênua e irrefletida” (Habermas, 1987).

De significado amplo e genérico, a idéia de “pós-modernidade” configura-se em “enigma a ser decifrado” (Sevcenko, 1987).

Por certo, não se trata de efetuar aqui a *fortuna crítica* da idéia de *pós-modernidade*, verificando-se o acolhimento positivo ou negativo por parte da crítica especializada. Em movimento exploratório, pode-se, no entanto, depreender que a idéia de pós-modernidade, quando positivamente conotada,

tende a significar desejo de ruptura com um presente qualificado de *tradicional*. Nesse sentido, tal idéia implica: reflexão sobre o tempo; identificação da diferença produzida pelo novo; proclamação do dissenso; descontinuidade na história. Esse conjunto de significados alardeia duplamente a percepção das mutações incessantes originadas pela ciência, técnica e lógica de mercado e a necessidade de ultrapassagem de um tempo extinto rumo a um tempo novo, cujo nascimento ocorre fora das tradições da modernidade. Por vezes inconscientemente arcaica, a idéia de pós-modernidade visa tão-somente à correspondência entre racionalidade da economia de mercado — concebida como princípio de ação — e mentalidade, costumes, vida cotidiana.

Desde um outro ponto de vista, porém, a idéia de pós-modernidade remete a um conjunto de questões articuladoras de uma outra problemática, a saber: em primeiro lugar, a modernidade como “um projeto incompleto” (Habermas, 1983), uma vez que suas interrogações intensas e promissoras ressoam ainda em nosso presente à procura de soluções; em segundo lugar, o fato de que as mazelas da vida moderna só podem ser denunciadas “a partir dos próprios valores que a própria modernidade criou” (Berman, 1987). As reflexões anteriormente formuladas, sugerem que a idéia de pós-modernidade tem sentido ambíguo, podendo significar tanto a presença de uma ruptura mais intuída ou desejada que concretizada e/ou tentativa de evasão e projeção compensatória, quanto exame crítico dos problemas postos pela e na modernidade.

Sem dúvida, no centro das possibilidades éticas, morais e históricas da modernidade, permanece ativo o impulso dialético dirigido para a interrogação e crítica, articuladamente à presença de um sujeito dotado de razão, portanto, capaz de discernir, julgar e agir sobre o mundo que lhe é contemporâneo.

De fato, de um lado, há muito aprendemos a fazer a crítica à concepção de progresso retilíneo e tempo histórico linear o qual se desvia de uma época considerada envelhecida para fazer irromper uma ficção de futuro protagonizada por um homem novo desprovido de passado. Incapaz de comunicar uma experiência, esse homem novo, refugia-se em uma projeção compensatória (utópica) em relação aos horrores e aflições do presente. De outro lado, também há muito aprendemos que os conteúdos críticos e destrutivos

da modernidade não estão esgotados, permanecendo em disponibilidade o impulso dialético por ela liberado.

A partir dessa lógica, podemos explicar a idéia de pós-modernidade como variante da modernidade, momento no qual esta reflete sobre si, buscando conferir visibilidade a tudo aquilo que se desenvolve rapidamente no presente a fim de identificar *o que é e o que deveria ser*, mediante exame crítico da experiência individual e coletiva. A partir desse ponto de vista, a pós-modernidade brasileira deixa de ser anúncio de um futuro histórico esperado, para encontrar a sua inscrição em nosso presente histórico.

Embora não sejam inteiramente triunfantes, talvez apenas onipotentes, as realidades que devem presidir o ingresso da sociedade contemporânea no próximo milênio já estão demarcadas: no plano da economia, as novas tecnologias alteram a organização social do trabalho; no plano político-ideológico, o Estado neoliberal fundamentado na ideologia que lhe é própria, retoma a idéia de autocontrole da economia de mercado. Resumidamente: o capitalismo contemporâneo, objetivando a promoção daquilo que designa de *reestruturação econômica com equidade social*, opera por meio da dispersão, fragmentação e terceirização articuladamente à descentralização e autonomia concretizando políticas de privatização e desregulação.

Obviamente não tenho um programa para uma política educacional na pós-modernidade brasileira. Todavia tenho reflexões a respeito da problemática as quais são informadas pela minha percepção da atualidade e gostaria de partilhá-las com os possíveis leitores deste texto:

- já que tais realidades estão dadas, é preciso promover um balanço das políticas educacionais em curso para saber como reproduzem os fenômenos anteriormente anunciados — dispersão, fragmentação, terceirização, privatização e desregulação — e quais são os resultados práticos de tal reprodução;
- uma política educacional democrática não pode ser confundida com o mero ajustamento de valores e finalidades sociais às mutações ocorridas na base material da sociedade contemporânea presidida pela chamada *vitalidade da concorrência de mercado*;
- toda e qualquer política educacional ancorada na idéia de pós-modernidade reduzida tão-somente à noção de novo ou novidade, arrisca-se a excluir o

passado para concluir que o mundo acaba de ser inventado: “mais do que uma ruptura com o passado, o “novo” significa um esquecimento, uma ausência de passado” (Le Goff, 1984). Em outras palavras, ao dissipar-se a experiência histórica relega-se ao esquecimento uma das contribuições da modernidade: aprender com a experiência;

- a razão planejadora e utilitarista — uma das faces da modernidade — tende a abordar a educação como fenômeno meramente técnico-administrativo, privativo de especialistas, e uma política educacional que considera a educação como centro do projeto de modernidade deve abordá-la como tema intelectual dotado de conteúdo político;
- a elaboração de políticas educacionais demanda a escolha do duradouro em detrimento do efêmero, do necessário em detrimento da frivolidade da moda; nessa perspectiva, é preciso vincular criticamente *agoridade* — presente saturado de aflições e conflitos — e utopia — sociedades futuras contidas nas possibilidades materiais do presente; em outras palavras, como a pós-modernidade brasileira responde às antigas questões postas pelas necessidades da educação básica nacional?
- quais são os princípios norteadores e concepções fundamentais que devem orientar a elaboração e a concretização das políticas educacionais na chamada pós-modernidade brasileira?

Por fim, sabemos, desde há muito tempo, que a educação habita o centro do projeto da modernidade. Talvez a história da modernidade e das “modernidades do amanhã e do dia depois de amanhã” (Berman, 1987) seja a história das tentativas e esforços para responder a antiga questão: “Para que educação?”

Referências Bibliográficas

- BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BOBBIO, N. et. al. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- HABERMAS, J. Modernity: as incomplete project. In: FOSTER, H. (Org.) *The anti-aesthetic essay on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1983, p.3-15.

- HABERMAS, J. Arquitetura moderna e pós-moderna. *Novos Estudos Cebrap*, n. 18, p. 115-24, set. 1987.
- LEFEBVRE, H. *Introdução à modernidade: prelúdios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LE GOFF, J. Antigo/moderno. In: ROMANO, R. (Dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v.1.
- ROUANET, S. P. A verdade e a ilusão do pós-modernismo. In: _____. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SEVCENKO, N. O enigma pós-moderno. In: OLIVEIRA, R. C. et al. *Pós-modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARTZMAN, S. Educação básica no Brasil: a agenda da modernidade. *Estudos Avançados* (São Paulo), v. 13, n. 5, p. 49-60, set./dez. 1991.